

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME IX



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1970

ELEMENTOS DE SÍTULAS DE BRONZE DE CONIMBRIGA

Guarda o Museu Monográfico de Conímbriga uma colecção de elementos de situlas de bronze — ármelas, asas e pés — provenientes de escavações anteriores a 1962, em número suficientemente avultado para justificar a sua publicação.

A um catálogo que reproduzisse todos os exemplares, preferimos um estudo que apresentasse as peças mais típicas agrupadas por séries com as respectivas variantes mais notáveis.

Técnica

As peças são de bronze, cobre e, muito raramente, de ferro e chumbo (1).

O fabrico é geralmente grosseiro e o trabalho tosco.

Umhas peças foram obtidas por fundição em molde bivalve: todas as armelas figurativas, grande parte das não figurativas, algumas asas e os pés, com excepção do de chumbo; outras, cortadas em folhas de metal.

Certos moldes eram de muito má qualidade — é o caso dos que serviram para fabricar as armelas do tipo I; outros estalaram ao serem cozidos ou no momento de receberem o metal, ficando com fissuras por onde este se escapou (Est. I, 1 e 4 e Est. VI, 3).

(1) Não nos foi possível proceder a uma análise científica dos metais. Todas as indicações são baseadas apenas numa inspecção cuidadosa, à lupa, efectuada — para cada objecto — em mais de uma zona perfeitamente desoxidada. Da mesma forma todas as indicações de ordem tecnológica resultaram também de simples, ainda que atento, exame das peças.

Dum modo geral as peças só muito grosseiramente foram retocadas. O olhai foi limado, como funcionalmente se impunha, o mesmo não acontecendo, porém, nas outras superfícies. Também as rebarbas, na maioria dos casos, são apenas mal aparadas (Est. VI, 4). Constituem excepções a esta regra uma das ármelas do tipo II (Est. II, 1 e Est. VI, 5) e todas as asas e pés, submetidos a um bom trabalho de lima.

Uma das peças, não desenhada, apresenta muitos chochos que foram disfarçados com chumbo, em grande parte desaparecido devido a posteriores fenómenos de corrosão (Est. VI, 1).

A decoração provém geralmente do molde. Tanto quanto podemos ajuizar pelo exame feito à lupa, só excepcionalmente se encontram traços avivados, posteriormente, a frio. Estão neste caso uma das armelas do tipo I (Est. I, 5) cujos olhos e decoração do espelho foram feitos com uma ponteira, e uma terminal de asa (Est. V, 5) que apresenta um traço inciso aberto com um cinzel de ponta romba.

As peças cortadas duma folha de metal — algumas armelas não figurativas, algumas asas e o pé de chumbo — foram batidas a frio e limadas, quando a folha de metal era espessa, ou dobradas, batidas e limadas quando cortadas numa folha mais fina. Nalgumas das peças onde o trabalho de martelagem e de lima foi menos cuidado são visíveis os sinais da dobragem da folha de metal (Est. IV, 14). Algumas asas são decoradas por martelagem (Est. IV, 1, 2, 10), outras por estampagem com punção (Est. IV, 3 e Est. V, 1).

A maioria das armelas era soldada aos vasos, como se prova pelos vestígios de solda presentes na face posterior, mais ou menos plana, para melhor adaptação à parede do vaso. Possuimos 5 exemplares originariamente rebitados (Est. II, 1 e 2, Est. III, 12, 13, 14) e outros rebitados aquando da sua reutilização (Est. I, 7, Est. III, 21). A rebitagem era feita com cravos ou tiras de metal dobradas sobre si mesmas e utilizadas como cravos (Est. III, 21).

Os pés eram soldados aos vasos. Atestam-no os vestígios de solda presentes ainda em todos eles, excepção feita ao pé de chumbo.

O exame das peças prova que em Conímbriga se fabricaram os tipos I e IV.

Do tipo I existem 3 peças distorcidas que se vê terem sido regeitadas logo depois de desenformadas, pois ainda conservam agarradas areias provenientes do molde (Est. VII).

Do tipo IV existe um exemplar que, além de apresentar muitas rebarbas, facto aliás frequente como já dissemos, não pode ter servido, pois o olhai não foi limado e conserva ainda o gito (Est. II, 10 e Est. VI, 2).

Entre as armelas não figurativas uma há que apresenta também o gito (Est. III, 9) e outras que não mostram qualquer trabalho de lima (Est. III, 5, 11, 14).

Nota: Os desenhos, da autoria de Clara Portas, reproduzem as peças a 2:3, com excepção de Est. II, 11 (a 2:1) e Est. II, 12 e V, 13 (em tamanho natural).

Classificação e descrição das peças

ARMELAS FIGURATIVAS

Tipo I — Est. I, 1 a 5

Espelho circular; olhai; travessão.

Espelho decorado com um rosto espalmado, cercado por uma coroa circular radiada.

Travessão em forma de meia cana, ornamentado por uma ou duas molduras com golpes de secção em V, dispostos no sentido transversal e em regra terminadas por duas protuberâncias.

Coroa ornamentada por caneluras que deixam entre si molduras lisas ou golpeadas.

Rosto tratado de modos diversos, mas sempre reveladores dum trabalho mais ou menos grosseiro e tosco.

Olhai geralmente ovalizado pelo uso.

Este tipo é muito corrente em Portugal (2).

No Museu de Madrid existem vários exemplares deste tipo, provenientes de Murcia, Alicante. Três deles, publicados por Pierre

(2) Vide quadro final exemplificativo da distribuição dos vários tipos de armelas em Portugal. Agradeço ao Senhor Arquitecto Gustavo Marques e à Senhora D. Maria Amélia Horta Pereira a amável contribuição que deram à elaboração deste quadro que, apesar dos esforços reunidos, não se pode considerar exaustivo.

Paris, são a perfeita réplica dos exemplares portugueses, não apenas no tipo, mas nas características de fabrico e de concepção (3).

Como decorre do que expusemos sobre a técnica de obtenção deste tipo de armelas, não podemos concordar com o autor quando diz que «la surface est grossièrement façonnée à coup de lime en forme de tête humaine».

Fora da Península Ibérica não conhecemos paralelo para este tipo de armela.

Boesterd publicou um vaso de bronze com asa cuja extremidade inferior figura um rosto de mulher circundado por uma coroa radiada (4).

H. Rolland, Broholm e Eggers publicaram também situlas de bronze com armelas de espelho circular ornamentado por um rosto de rapaz ou de mulher emoldurado por coroas idênticas (5). Mas, não só as formas dos vasos são muito mais elaboradas que as dos vasos portugueses que possuem este tipo de armelas, como a execução destas é incomparavelmente mais cuidada, desde o travessão, geralmente formado por duas cabeças de animal afrontadas, até ao tratamento do rosto e ornamentação da coroa. O exemplar mais esquematizado de Eggers é ainda muito superior, na sua execução, a qualquer um dos nossos.

Nenhum dos autores citados dá uma interpretação especial da coroa circundante. Eggers não lhe faz qualquer referência, Boesterd designa-a simplesmente por «neck-ornament», Broholm e Rolland chamam-lhe palmeta.

No caso das armelas de Conímbriga e Madrid poderíamos, à primeira vista, considerar as coroas como estilização duma barba, interpretação aliás injustificável no caso dos outros exemplares referidos, cujos espelhos representam sempre rostos de rapaz ou de mulher.

Consideremos, porém, a armela de Alenquer publicada por

(3) Pierre Paris, *Essai sur Vari et Vindustrie de VEspagne primitive*, 1904, II, pp. 237-240 e fig. 376-377.

(4) M. H. P. Den Boesterd, *The bronze vessels, Description of the collections in the Rijksmuseum G. M. Kam at Nijmegen*, 1956, pi. XI, n.º 273 e 273^a.

(5) H. Rolland, *Bronzes Antiques de Haute Provence*, XVIII Supplément à Gallia, 1965, Est. 295; H. C. Broholm, *Kulturforbindelser i aeldre Jaernalder*, 1960, fig. 66; H. J. Eggers, *Der Römische Import im Freien Germanien*, Tafel 4, n.º 24 a 29.

M. A. Horta Pereira (6). O espelho é decorado por um rosto que mostra certas analogias com o da armela encontrada em Les Mureaux, apresentada pelo autor como uma representação de Okéanos (7), mas que pode também, supomos, ser interpretada como a representação dum sátiro. Na armela de Alenquer, a barba estreita e alongada é nitidamente diferenciada da coroa que circunda o rosto, a qual, consequentemente, não poderá ser interpretada como estilização duma barba.

Supomos, por isso, mais correcto considerar a coroa dos exemplares deste tipo I como simples ornamento.

Não é possível dar uma indicação cronológica precisa sobre estas ármelas: provêm de escavações antigas não estratigráficas, não têm paralelos exactos que possam esclarecer o problema e os vasos conhecidos com ármelas deste tipo também não estão datados com segurança.

Os dois vasos de bronze encontrados em Portugal que conservam ainda soldadas armelas deste tipo têm formas semelhantes, mas as circunstâncias do achado não permitem tirar conclusões cronológicas seguras, embora sugiram o séc. II d.C. (8).

Um vaso semelhante, na forma, ao do Fojo das Pombas, posto que de proporções e feitura diversas e com outro tipo de armela, foi encontrado na necrópole de El Palomar de Vellilla (Mocéjon). Também ele não esclarece o problema da cronologia deste tipo de vasos: trata-se de uma «necrópole celta e celtibera utilizada por hispano-romanos e visigodos». O autor designa-o apenas por «vaso hispano-romano» (9).

Restam-nos as indicações fornecidas pelos vasos publicados por Broholm, Boesterd e Eggers, datáveis, respectivamente, do séc. n d.C., provavelmente do séc. n d.C. e do Alto Império, sendo o exemplar mais esquematizado de Eggers do Império Médio. Não podemos, porém, esquecer que a forma dos vasos não tem qualquer

(6) Maria Amélia Horta Pereira, «O dolium cinerário, com skyphos vidrado a verde, da necrópole de Paredes (Alenquer)», neste mesmo volume de *Conimbriga*.

(7) André Piganiol, «Circonscription de Paris, Region Nord», *Gallia*, XXI, (1963), pp. 345-375, fig. 19.

(8) Luís Albuquerque e Castro, «Achados Romanos na Mina do Fojo das Pombas (Valongo), separata dos fase. 3-4 do vol. XV de *Estudos, Notas e Trabalhos do Serviço de Fomento Mineiro*, 1961, Est. III, 6 e 11.

(9) Fernando Jimenez de Gregorio, «Hallazgos arqueológicos en la provincia de Toledo», *Archivo Español de Arqueología*, vol. XXXIV, 1961, fig. 21.

ponto de contacto com os nossos e as ármelas que os acompanham só pela forma geral podem ser comparáveis.

- 1 — As extremidades do travessão possuem duas protuberâncias resultantes de golpes mais fundos e espessamento das molduras. Rosto toscamente modelado. Olhos e boca em relevo. Nariz largo e saliente. Duas molduras oblíquas figuram o bigode que parte das asas do nariz e desce até à coroa. Medidas: alt. total: 71 mm; alt. do olhai: 17mm; comp. do trav.: 77mm; diâm. do esp. :47 mm; alt. do esp.: 46 mm.
Material: Cobre.
Intacta. Olhai ovalizado.
- 2 — Face muito cavada. Olhos salientes com a iris marcada por uma depressão circular. Os lábios são cavados e marcados por traços incisivos verticais irregulares. Molduras da coroa golpeadas.
Medidas: Alt. total: 76 mm; alt. do olhai: 18 mm; compr. do trav. 73 mm; diâm. do esp. 49 mm; alt. do esp.: 49 mm.
Material: Cobre.
Intacta.
- 3 — Protuberâncias muito salientes nas extremidades do travessão. Rosto tratado de modo semelhante ao anterior. Olhos muito salientes com grande iris marcada por depressão circular. Linha de contorno do rosto menos regular e molduras da coroa também golpeadas.
Medidas: Alt. total: 71 mm; alt. do olhai: 19 mm; compr. do trav. 79 mm; diâm. do esp. 43 mm; alt. do esp.: 43 mm.
Material: Bronze.
Intacta. Olhai muito ovalizado.
- 4 — Travessão apenas com uma moldura golpeada irregularmente. Trabalho muito mais grosseiro que nos anteriores. Não existe linha de contorno do rosto. Nariz tosco. Boca marcada apenas por uma linha incisa encurvada para cima, o que dá à face um ar de riso alvar. Dois olhos cavados com indicação da iris e um outro, idêntico e parece que acidental, no centro da testa. Molduras da coroa muito irregulares.
Medidas: Alt. total: 58 mm; alt. do olhai: 18 mm; compr. do trav. 64 mm; diâm. do esp.: 33 mm; alt. do esp.: 33 mm.
Material: Bronze.
Intacta.
- 5 — Trabalho muito grosseiro. Golpes irregulares nas molduras do travessão. Protuberâncias das extremidades muito salientes. Ausência da linha de contorno do rosto. Boca indicada por duas fundas e largas incisões e os olhos por 2 depressões irregulares abertas após a fundição. As caneluras e

molduras da coroa e respectivos golpes longitudinais são irregulares e formam um quadriculado tosco.

Medidas: Alt. total: 80 mm; alt. do olhal: 19 mm; compr. do trav. 73 mm; diâm. do esp.: 53 mm; alt. do esp.: 49 mm.

Material: Bronze.

Intacta.

6 — Consideramos este exemplar uma forma atípica ou degenerada.

O espelho, cordiforme, não é decorado com máscara e apenas apresenta dois sulcos acidentais. A orla é ornamentada por uma série de pequenos traços paralelos incisos.

O travessão é decorado por uma ranhura horizontal e golpeado no sentido transversal por incisões muito profundas.

Medidas: Alt. total: 65 mm; alt. do olhal: 14 mm; compr. do trav.: 60 mm; larg. máxima do esp.: 38 mm; alt. do esp.: 43 mm.

Material: Bronze.

Intacta. Olhal não ovalizado.

(Est. VI, 4).

7 — Fragmento de travessão e olhal pertencentes, muito provavelmente, a uma

armela do tipo I. O travessão não possui molduras, sendo ornamentado apenas por sulcos verticais muito irregulares. Foi rebitado com cravos aquando da sua reutilização.

Medidas: alt. do olhal: 17 mm; compr. aprox. do travessão 80 mm.

Material: Bronze.

8 — Fragmento de travessão e olhal provavelmente duma armela do mesmo tipo.

O travessão, sem molduras, é inteiramente ornamentado por fundos sulcos verticais. Muito mais largo que o habitual, este travessão oferece um perfil em ângulo recto e não em meia-cana como nos anteriores.

Medidas: alt. do olhal: 20 mm; compr. aprox. do travessão: 70 mm.

Material: Bronze.

Tipo II — Est. I, 9 e 10 e Est. II, 1 a 3.

Espelho de forma grosseiramente triangular; olhal; travessão.

O espelho é decorado com um rosto oval saliente emoldurado por barba ou franja recortada e ponteguda.

a) — Travessão em forma de meia cana ultrapassando a largura do espelho como no tipo I. Máscara grotesca — Est. I, 9 e 10.

b) — Travessão em forma de meia cana, atrofiado, não ultrapassando a largura do espelho. Rosto apático de feições indecisas

— Est. II, 1, 2 e 3. Este tipo é claramente o menos comum em Portugal.

Existe no Museu Machado de Castro, em Coimbra, uma armela de que o nosso exemplar n.º 10 parece ser a esquematização grosseira. O espelho representa um rosto de mulher bem modelado, com uma cabeleira dividida em palas regulares que cobrem a fronte e as orelhas. A aba, em forma de leque, que o emoldura, termina em botão radiado e é ornamentado por uma fiada de pérolas que acompanha a linha do rosto.

Parece-nos, em contrapartida, ser este grupo o que, globalmente, mais se aproxima, nas suas características gerais, das armelas de situlas ou terminais de asas de jarros de bronze comuns em regiões do Império Romano d'além Pirinéus, muitas das quais apresentam rostos apáticos ou simplesmente mal definidos emoldurados por franjas recortadas ou ponteagudas. Vejam-se, como demonstração de tal semelhança, as armelas provenientes de Zugmantel, publicadas por Buttner (10).

Apesar das diferenças que os separam, supomos que outros exemplares publicados por Boesterd, Eggers, Broholm e Maree (11) podem servir também para ilustrar o longínquo parentesco de que falamos.

O único paralelo que conhecemos e que corresponde exactamente aos exemplares n.ºs 1 e 2 da Est. II pertence a um vaso de bronze «de forma esférica, com bordos ligeiramente revirados e fundo cónico» assente sobre um tripé que foi encontrado num buraco de rocha numa colina da comuna de Viols-en Lavai. Segundo Radnoti, consultado pelo autor, este tipo de vaso, frequente em museus catalães, «não tem equivalente na Europa Central e é manifestamente um produto da arte hispânica», bastante tardio. Situar-se-ia nos meados do século ui d.C. (12).

(10) Anita Buttner, «Figürlich verzierte Bronzen vom Kastel Zugmantel», *Saalburg Jahrbuch*, XX, (1962), Est. A, 4 e 9.

(11) Boesterd, *ob. cit.*, Est. XI, 226 a; Eggers, *ob. cit.*, Est. 5, 35 e Est. 7, 64; Broholm, *ob. cit.*, fig. 56 e 75. E. Maree, «Hippona: objects en bronze récemment découverts», *Libyca*, tomo VI, (1958), pp. 163-171.

(12) Jean Claude Molière, René Majurel et Henri Prades, «Dépot d'utensiles en bronze dans une faille de rocher», *Ogam*, XIX (1967), p. 181-188, Est. 68, 1; 69, 3; 70, 4 e 5 e fig. 6.

- 9 — O travessão é ornamentado por urna única moldura limitada superior e inferiormente por urna funda ranhura. Os golpes que a ornamentam são muito mais largos que nos outros exemplares o que dá à peça uma feição original. Rosto tosco de olhos salientes com indicação das arcadas e nariz rectilíneo. Barba estreita e ponteaguda com sulcos idênticos aos do travessão.
Medidas: alt. total: 64 mm; alt. do olhai: 19 mm; compr. do travessão: 51 mm; larg. máx. do esp.: 33 mm; alt. do esp.: 38 mm.
Material: Bronze.
Intacta. Olhai muito ovalizado.

- 10 — Sulcos do travessão muito irregulares. Rosto grosseiramente moldado com vestígios de olhos em relevo e nariz achatado e largo. Duas depressões muito afastadas e ocupando toda a largura do rosto marcam o lugar da boca. A barba ou franja forma uma espécie de leque ao nível dos olhos e estreitece ao longo do rosto terminando em ponta.
Medidas: alt. total: 51 mm; alt. do olhai: 15 mm; compr. do travessão: 57 mm; larg. máx. do esp.: 33 mm; alt. do esp.: 30 mm.
Material: Cobre.
Corroído na extremidade da barba. Olhai ovalizado.

Est. II

- 1 — Olhos em relevo, sem indicação das pupilas mas com as sobrancelhas bem desenhadas. Expressão apática. Nariz largo e pouco saliente. Boca em relevo, mal definida. Rebites em cada um dos recortes superiores da franja e na extremidade desta.
Medidas: alt. total: 82 mm; alt. do olhai: 19 mm; compr. do travessão: 51 mm; larg. máx. do esp.: 57 mm; alt. do esp.: 57 mm.
Material: Bronze.
Intacta. Metal em muito bom estado de conservação.
- 2 — Rosto semelhante ao anterior, mas mais estreito e comprido. Boca em relevo melhor definida. A franja desce em ponta muito abaixo do queixo. Rebites na extremidade desta e nos recortes superiores, muito largos.
Medidas: alt. total: 81 mm; alt. do olhai: 18 mm; compr. do travessão: 36 mm; larg. máx. do esp.: 42 mm; alt. do esp.: 60 mm.
Material: Bronze.
Intacta. Menos bem conservado que o anterior.
- 3 — Travessão ornamentado por duas molduras pouco salientes golpeadas transversalmente por traços incisivos muito superficiais. Os recortes superiores da franja têm duas depressões a que correspondem duas protuberâncias na face posterior do espelho. O rosto, de feitura grosseira, é alongado e termina num queixo ponteagudo. Os olhos, em relevo, não têm as iris marcadas; o nariz é achatado e largo na base.
Medidas: larg. máx. do esp.: 26 mm; alt. do esp.: 30 mm.
Material: Bronze.
Argola e travessão fracturados.

Tipo III —Est. II, 4

Espelho ovalado, prolongado superiormente por urna aba oblíqua trapezoidal; olhal.

O espelho é ornamentado por um rosto barbado.

Pode dizer-se que, neste tipo, o travessão, praticamente inexistente, está funcionalmente representado pela aba. Com efeito, a parte posterior apresenta um ressalto análogo ao escavado em meia-cana, típico das armelas com travessão e que servia para encaixe no bordo do vaso.

A aba é ornamentada.

Em S. Sebastião do Freixo (Batalha) descobriu-se um belo exemplar, cujo rosto é dividido em três triângulos pela linha do nariz e pelos bigodes como no típico grupo IV b) 1 (13).

Conhecem-se em Portugal mais 4 armelas deste tipo, duas das quais, provenientes de Santa Menina (Fundão), têm a aba ornamentada por duas caneluras muito recortadas e acompanhavam uma asa com terminal em cabeça de pato (14).

O único exemplar deste tipo, existente em Conímbriga, possui uma aba mais larga no centro do que nas extremidades, ornamentada por fundos golpes oblíquos, os quatro do meio formando um X, como na armela proveniente de Zugmantel acima referida. O rosto tem apenas a indicação do nariz e alguns traços verticais irregulares e superficiais. A barba, arredondada, emoldura a parte inferior do rosto.

Medidas: alt. total: 62 mm; alt. do olhai: 19 mm; compr. da aba: 42 mm; larg. máx. do esp.: 34 mm; alt. do esp.: 34 mm.

Material: Bronze.

Intacta. Olhai levemente ovalizado.

Tipo IV —Est. II, 5 a 13

Espelho triangular ou ovalado; olhai; ausência de travessão.

O espelho é decorado com um rosto achatado inscrito num polí-

(13) J. M. Bairrão Oleiro e J. Alarcão, «Escavações em S. Sebastião do Freixo (concelho da Batalha)», *Conímbriga*, VIII (1969), pp. 1 ss.

(14) J. Leite de Vasconcelos, «Figuras de bronze antigas do Museu Etnológico Português», *O Archeologo Português*, XXVI (1924), pp. 29-36, fig. 2.

gono (3, 5 e 6 lados) formado pela franja de cabelos sobre a fronte e a barba.

- a) — Máscara de feições realistas (Est. II, 15)
- b) — Máscara de feições esquematizadas
 - 1 — A linha do nariz bifurca em dois bigodes lineares e oblíquos dividindo o rosto em três triângulos (Est. II, 6 a 11)
 - 2 — Boca e bigodes representados por um X (Est. II, 13)

O tipo IV b) 1 ocupa o segundo lugar na lista dos tipos de armela mais frequentes em Portugal. Semelhante ao exemplar n.º 10 existem em Conímbriga três outros quase intactos.

Um exemplar bastante próximo do nosso n.º 8 foi encontrado em Alonso (Huelva) (15). Trata-se de uma armela de rosto muito esquematizado, soldada a restos de um vaso de bronze que possuía uma asa idêntica à de Conímbriga, ornamentada com círculos impressos (Est. V, 1).

Piganiol publicou uma sítula, proveniente de Les Mureaux, de paredes rectilíneas, assente num tripé, com uma armela de espelho triangular já atrás referida (16).

Leglay, por sua vez, apresenta uma armela proveniente de Luc-en-Dioris que figura uma cabeça de Sátiro (17). Ambas possuem as características deste tipo embora sejam muito menos esquematizadas.

A cronologia proposta por Garrido e Orta não nos parece de considerar. Dá-nos apenas o limite *post quem*, aliás muito recuado — século vi a.C. — limite esse que os autores fundamentam numa interpretação bastante discutível da decoração da asa.

Piganiol não indica a cronologia da sítula de Les Mureaux. Diz, porém, que a circunstância dos achados lembra a dum túmulo de incineração de Welshpool datável entre 150 a 200 d.C.. Entretanto, situlas com esta forma foram publicadas por Eggers e Boesterd que

(15) Juan Pedro Garrido y Elena Maria Orta, «Restos de un vaso de bronze achado en Alosno (Huelva)», *Zephyrus*, XVII, (1966), pp. 105-108.

(16) Piganiol, *ob. cit.*, fig. 18.

(17) M. Leglay, «Circonscription de Rhone-Alpes», *Galia*, XXVI, (1968), pp. 559-603, fig. 31.

concordam em datá-las, respectivamente, do Império médio e da segunda metade do século II — primeira metade do século III (18).

Leglay, por sua vez, informa que a armela de Luc-en-Dionis foi encontrada numa construção galo-romana «*étable sans doute au 2.^e*».

- 5 — O cabelo desce sobre a fronte em madeixas ondedas formando uma espécie de franja. A linha de contorno do rosto é mal definida. Boca e olhos em relevo, estes sem indicação das pupilas, mas com bom desenho das sobrancelhas. Nariz pouco saliente, com base larga. A barba, com sulcos fundos, sobe até às madeixas laterais bem definidas. Duas molduras oblíquas figuram o bigode que vem confundir-se com a barba.
Medidas: alt. total: 64 mm; alt. do olhai: 17 mm; larg. máx. do esp.: 33 mm; alt. do esp.: 43 mm.
Material: Cobre.
Olhai fracturado.
- 6 — O cabelo, figurado por dois sulcos longitudinais fundos e paralelos cobre a fronte e é dividido a meio por uma depressão em forma de gota invertida. Rosto cavado com a linha de contorno muito bem definida. Olhos em relevo com indicação das arcadas supraciliares. Nariz bem modelado, rectilíneo, de base larga. A boca não é desenhada. A barba, de sulcos fundos e muito regulares, emoldura o rosto desde a fronte continuando a linha dos cabelos. Medidas: alt. total: 67 mm; alt. do olhai: 20 mm; larg. máx. do esp.: 38 mm; alt. do esp.: 47 mm.
Material: Cobre.
Intacta: Olhai muito ovalizado.
- 7 — O cabelo é substituído por 2 molduras paralelas sobre a fronte muito baixa. Olhos salientes com a íris marcada por um traço longitudinal. Lábios salientes e bem diferenciados por um traço semelhante ao dos olhos. Nariz recilíneo de base larga. Sulcos e molduras de barba muito regulares. Medidas: alt. total: 65 mm; alt. do olhai: 20 mm; larg. máx. do esp.: 35 mm; alt. do esp.: 45 mm.
Material: Cobre.
Intacta.
- 8 — Molduras paralelas encurvadas sobre a fronte. Rosto toscamente modelado e com linha de contorno menos regular. Os olhos não estão representados e o nariz é largo e achatado. A barba sobe até às molduras da fronte e é arredondada na extremidade.

(18) Eggers, *ob. cit.*, Est. 5, 35 e 36; Boesterd, *ob. cit.*, Est. VI, 153.

Medidas: alt. total: 64 mm; alt. do olhal: 21 mm; larg. máx. do esp.: 31 mm; altura do esp.: 45 mm.

Metal: Cobre.

Intacta. Olhal muito ovalizado.

- 9 — Espelho de forma triangular muito acentuada. Molduras sobre a frente semelhantes às do exemplar anterior.

Os sulcos e molduras da barba invadem quase toda a superfície do espelho reservada ao rosto que neste caso apresenta apenas uma pequena saliência no lugar do nariz.

Medidas: alt. total: 50 mm; alt. do olhal: 17 mm; larg. máx. do esp.: 31 mm; alt. do esp.: 33 mm.

Material: Cobre.

Intacta. Olhal muito ovalizado.

- 10— O espelho é facetado e as arestas quase rectilíneas, o que acentua a sua forma triangular. Rosto de frente muito baixa ocupada por 2 molduras finas, paralelas e golpeadas. A linha de contorno do rosto é prejudicada pelo desenho da barba de molduras também golpeadas, que desce muito abaixo do queixo e termina em ponta aguçada. Nariz achatado na base. Boca apenas indicada por um pequeno traço inciso.

Material: Bronze.

Intacta. Olhal não ovalizado. Conserva o gito (Est. VI, 2).

- 11— Armela muito pequena de espelho triangular representando um rosto barbado, aparentemente menos estilizado que o anterior. As dimensões da armela e as imperfeições do trabalho não permitem perceber com clareza as feições de que se nota apenas o olho esquerdo em relevo, o nariz e o bigode que vem confundir-se com a barba como nos exemplares anteriores. Todo o lado direito do rosto está deformado por defeito do molde.

Medidas: alt. total aprox.: 35 mm; larg. máx. do esp.: 16 mm; alt. do esp.: 20 mm.

Material: Bronze.

Olhal fracturado.

- 12— Armela minúscula de espelho triangular, provavelmente semelhante à anterior. Não é possível definir-lhe as feições. Pelas dimensões esta armela só podia ter pertencido a um brinquedo.

Medidas: alt. total: 16 mm; larg. máx. do esp.: 9 mm.

Material: Bronze.

Olhal fracturado.

- 13— Duas molduras paralelas sobre a frente. A linha de contorno do rosto não está marcada. Olhal muito grande.

Medidas: alt. total: 51 mm; alt. do olhal: 20 mm; alt. do esp.: 30 mm.

Metal: Cobre.

Intacta. Olhal muito ovalizado.

ARMELAS NAO FIGURATIVAS

Começamos por distinguir os seguintes grupos, alicerçados em considerações de ordem tecnológica que nos parecem muito importantes:

- A. Armelas fundidas e soldadas (Est. III, 1 a 11)
- B Armelas fundidas e rebitadas (Est. III, 12 a 14)
- C. Armelas cortadas em folha de metal (Est. III, 15 a 21)

No primeiro grupo podemos distinguir seis tipos:

- I. Espelho triangular, com a face anterior facetada, terminando em botão radiado. Travessão formado por molduras. Olhal. (Est. III, 1 a 3).
- II. Espelho triangular alongado com terminal revirado. Travessão formado por urna moldura (Est. III, 4 a 5).
- III. Espelho triangular alongado com a ponía revirada como o anterior. Travessão substituído por um ressalto (Est. III, 6).
- IV. Espelho liso com a forma aproximada dum losango (Est. III, 7 e 8).
- V. Espelho cordiforme; argola muito inclinada determinando um perfil em aspa (Est. III, 9).
- VI. Espelho dividido em duas zonas distintas: a superior em forma de dois hemiciclos, a inferior em lingueta com a ponta revirada (Est. III, 10 e 11).

No grupo B incluímos três ármelas muito diferentes, quer pela forma, quer pelo tipo de vasos que pressupõem.

O grupo C é constituído por 3 tipos afins:

Tipo I — Espelhos de forma variada com extremidade ponteaguda (Est. III, 15 a 19).

Tipo II — Espelho triangular com o vértice inferior alongado em forma de botão. Travessão substituído por um colo (Est. III, 20).

Tipo III — Espelho rectangular. Ausência de distinção entre o olhai e o espelho (Est. III, 21).

Em Portugal conhecemos mais quatro ármelas do tipo A I, urna das quais, proveniente da mina do Fojo das Pombas, pertence a urna situla de cobre de paredes rectilínias e levemente oblíquas com fundo

em forma de calote esférica; paredes e fundo são unidos entre si por meio de cravos de cobre. A sítula, de bordo revirado para fora, assentava sobre três pés soldados (19).

Este mesmo vaso possuía uma outra armela rebitada, de espelho rectangular como o nosso exemplar n.º 13, mas que difere dele pela posição dos rebites e presença de ressalto junto do olhal.

Nas publicações estrangeiras que pudemos consultar só encontramos paralelos próximos dos tipos C, I 1 de extremidade e ressalto junto do olhal (Est. III, 15), dos tipos II e III das ármelas fundidas e rebitadas (Est. III, 13 e 14) e do tipo III das ármelas cortadas em folhas de metal (Est. III, 20).

O primeiro pertence ao vaso já citado, publicado por Jimenez Gregorio. É de salientar que a forma e a técnica de construção deste vaso (chapas unidas por cravos) são características das situlas comuns em Portugal.

Eggers publicou uma sítula com bordo alto e rectilínio e parede encurvada que possui uma armela rebitada sobre o bordo igual ao nosso exemplar n.º 13(20).

Três armelas em forma de colchete, semelhantes às de Conímbriga (Est. III, 14), provenientes de Camulodunum e Straubing-Sorviodurum foram publicadas, respectivamente, por Hawkes — Hull e Walke (21).

Eggers publicou também várias armelas deste tipo pertencentes a situlas de paredes encurvadas e bordo revirado para fora — *Ostlandtyp* (22).

Favière publicou, por sua vez, uma sítula cuja parede encurvada, feita de chapas unidas por cravos, possui duas armelas em forma de colchete rebitadas no ombro da parede e não na superfície do bordo como nas anteriores (23).

(19) Albuquerque e Castro, *art. cit.*, Est. III, 8 e 13.

(20) Eggers, *ob. cit.*, Est. A, 20.

(21) C. F. G. Hawkes and M. R. Hull, *Camulodunum, First Report on the Excavations at Colchester* (1930-1939), Reports of the Research Committee of the Society of Antiquaries of London, Est. C, 14 e 15; Norbert Walk, *Das Romische Donaukastell Straubing-Sorviodurum*, 1965, Est. 135, 13.

(22) Eggers, *ob. cit.*, Est. 37, 38, 39.

(23) Jean Favière, «Un tertre funéraire protohistorique à Saint-Denis-de-Palin (Cher)», *Gallia*, XXII, pp. 222-247, fig. 34-36.

O paralelo que aproximamos do nosso n.º 20 é publicado por Boesterd e pertence provavelmente, segundo a autora, à sítula de paredes côncavas a que já nos referimos (24).

Quanto a cronologia, apenas podemos datar com segurança as ármelas rebitadas dos tipos II e III como sendo do século I d.C., por comparação com os paralelos publicados por Hawkes e Eggers, todos deste século.

Jimenez Gregorio não fornece qualquer indicação cronológica sobre o vaso que possui armelas semelhantes ao nosso tipo C, I 1 de extremidade lisa e ressalto junto do olhai. Eggers, porém, publicou vasos do tipo *Vaergegaard* e *Hemmer*, ambos do Império médio, possuidores de armelas que, embora diferentes das de Conimbriga, são também de espelho triangular, extremidade lisa e soldadas (25).

O vaso referido por Boesterd com armela semelhante ao nosso n.º 20, pertence provavelmente a uma sítula dos meados do século I, princípios do século II d.C..

A, Tipo I — Est. III

- 1 — Espelho triangular com a face anterior facetada terminando em botão ornamentado de sulcos radiais e encimado por um pequeno travessão com duas molduras, o qual acompanha o facetado do espelho. Olhai pequeno.
Medidas: alt. total: 55 mm; alt. do olhai: 19 mm; larg. do esp.: 27 mm.
Material: Bronze.
Intacto. Olhai levemente ovalizado.

- 2 — Espelho triangular com a face anterior ligeiramente facetada sugerindo a forma do exemplar anterior. Extremidade apenas engrossada. Travessão com duas molduras. Olhai muito pequeno.
Medidas: alt. total: 40 mm; alt. do olhai: 16 mm; larg. máx. do esp.: 23 mm.
Material: Bronze.
Intacto.

- 3 — Semelhante ao anterior, mas de feitura muito grosseira.
Medidas: alt. total: 52 mm; alt. do olhai: 13 mm; larg. máx. do esp.: 23 mm.
Material: Bronze.
Intacto.

(24) Boesterd, *ob. cit.*, Est. VI, 154.

(25) Eggers, *ob. cit.*, Est. 5, 36 e Est. 7, 65.

Tipo II — Est. III

- 4 — Espelho triangular encimado por uma moldura saliente e terminando em ponta revirada. Olhai muito grande.
Medidas: alt. total: 45 mm; alt. do olhai: 15 mm; larg. máx. do esp.: 16 mm.
Material: Bronze.
Intacto. Olhai muito ovalizado.
- 5 — Semelhante ao anterior. O centro e a extremidade do espelho são decorados por depressões abertas com ponteira.
Medidas: alt. total: 45 mm; alt. do olhai: 11 mm; larg. máx. do esp.: 16 mm.
Material: Bronze.
Intacto. Nenhum trabalho de lima.

Tipo III — Est. III

- 6 — Espelho triangular estreito e alongado com uma grande ressalto junto do olhai de suspensão onde forma uma espécie de plataforma. A extremidade do espelho termina em ponta revirada.
Medidas: alt. total: 50 mm; alt. do olhai: 11 mm; larg. máx. do esp.: 13 mm.
Material: Bronze.
Intacto.

Tipo IV — Est. III

- 7 — Espelho em forma de losango alongado, com pequeno ressalto. Olhai pequeno.
Medidas: alt. total: 36 mm; alt. do olhai: 13 mm; larg. máx. do esp.: 15 mm.
Material: Bronze.
Intacto. Olhai muito ovalizado.
- 8 — Espelho em forma de losango com pequeno ressalto. Olhai grande.
Medidas: alt. total: 30 mm; alt. do olhai: 10 mm; larg. máx. do esp.: 11 mm.
Material: Bronze.
Intacto.

Tipo V — Est. III

- 9 — Espelho cordiforme, seguindo-se imediatamente ao olhai, muito grande e inclinado para a frente.
Medidas: alt. total: 19 mm; alt. do olhai: 12 mm; larg. máx. esp.: 11 mm.
Material: Bronze.
Intacto. Presença do gito.

Tipo VI — Est. III

- 10 — A parte superior do espelho tem a forma de dois hemiciclos frontais e é rematada inferiormente por uma lingueta com a ponta revirada. O olhai, muito grande, une-se ao espelho por um pequeno ressalto.

Medidas: alt. total: 39 mm; alt. do olhal: 16 mm; larg. máx. do esp.: 21 mm.
Material: Bronze.
Intacto. Olhal muito ovalizado.

- 11—Parece uma simplificação, se não mesmo uma peça falhada do mesmo tipo.
Medidas: alt. total: 48 mm; alt. do olhal: 16 mm; larg. máx. do esp.: 25 mm.
Material: Bronze.
Intacto. Não mostra qualquer trabalho de lima. Gito apenas aparado.

B, Tipo I — Est. III

- 12—Espelho trapezoidal mais largo no lado inferior que é levemente côncavo.
Superiormente, os lados do trapézio afastam-se formando duas ombreiras que funcionam como travessão. Na linha mediana apresenta três furos a distâncias regulares, para colocação dos rebites.
Medidas: alt; total: 103 mm; alt. do olhal: 25 mm; larg. máx. do esp.: 68 mm.
Material: Bronze.
Intacto. Trabalho cru, limado apenas o olhal.

Tipo II — Est. III

- 13— Fragmento de armela constituído por olhal muito recuado e placa rectangular com dois rebites na parte superior.
Medidas: alt. do olhal: 18 mm; larg. do esp.: 33 mm.
Material: Bronze.
Intacto.

Tipo III — Est. III

- 14— Armela em colchete com as extremidades em forma de losango.
Medidas: alt.: 37 mm; larg.: 67 mm.
Material: Bronze
Intacto. Não mostra qualquer trabalho de lima.

C, Tipo I — Est. III

- 15—Espelho em forma aproximada de losango. Leve ressalto junto do olhal muito pequeno.
Medidas: alt. total: 45 mm; alt. do olhal: 15 mm; larg. máx. do esp.: 13 mm.
Material: Cobre.
Intacta.
- 16— Espelho triangular; ressalto muito pronunciado. Olhal muito pequeno.
Medidas: alt. total: 36 mm; alt. do olhal: 13 mm; larg. máx. do esp.: 15 mm.
Material: Bronze.
Intacto. Olhal muito ovalizado.

- 17 — Espelho triangular. Ressalto pouco inclinado. Olhai grande.
Medidas: alt. total: 32 mm; alt. do olhai: 13 mm; larg. máx. do esp.: 14 mm.
Material: Bronze.
Olhai fragmentado.
- 18 — Espelho cordiforme, seguindo-se imediatamente ao olhai. Muito pequeno.
Medidas: alt. total: 30 mm; alt. do olhai: 15 mm; larg. máx. do esp.: 12 mm.
Material: Bronze.
- 19— Espelho triangular, com leve ressaltado junto do olhai.
Medidas: alt. total: 25 mm; alt. do olhai: 10 mm; larg. máx. do esp.: 13 mm.
Material: Cobre.
Intacto.

Tipo II — Est. III

- 20 — Espelho triangular, com o vértice inferior alongado terminando em botão.
Travessão substituído por um estreito colo.
Medidas: alt. máx.: 34 mm; alt. do olhai: 12 mm; larg. máx. do esp.: 13 mm.
Material: Bronze.
Intacto. Olhai levemente ovalizado.

Tipo III — Est. III

- 21 — Armela reduzida a uma simples placa rectangular flectida e vazada para formar o olhai.
Medidas: alt. total: 22 mm; larg. do esp.: 12 mm.
Material: Chumbo?
Intacto. Rebitado sobre outro do mesmo tipo, quando da sua reutilização.

ASAS.

Reunimos as asas em dois grandes grupos:

A — Mais numeroso, constituído pelas asas cortadas duma folha de metal (Est. IV, 1 a 14). *B* — Formado pelas asas fundidas (Est. V, 1 a 6). Em ambos os grupos distinguimos apenas dois tipos de asas:

Tipo I — Terminal em cabeça de pato, diversamente estilizada; lisa ou decorada.

Tipo II — Terminal em ponta mais ou menos aguçada; lisa, decorada ou enrolada em espiral.

Estes tipos de asa são muito vulgares. Existem vários fragmentos

em Conímbriga e conhecem-se outros exemplares em Portugal (26). Em Santa Menina (Fundão) foi encontrada uma asa cujas terminais são idênticas a uma de Conímbriga (Est. V, 5). A asa do Fundão conserva duas ármelas já referidas (27).

O vaso encontrado na necrópole de El Palomar de Velilla, que tinha uma armela semelhante à nossa da Est. III, 15, possuía uma asa lisa do tipo I (28).

São também do mesmo tipo a asa pertencente à sítula de Les Mureaux publicada por Piganiol e uma outra referida por Fremersdorf (29).

Fouet publicou também uma asa proveniente de Montmaurin (30) que julgamos semelhante ao exemplar de Conímbriga (Est. IV, 2).

Em Straubing-Sorviodurum apareceram várias asas de extremidade aguçada (31). Uma asa semelhante à nossa dobrada em espiral (Est. IV, 12) é publicada por Stumpel (32).

Muito semelhante ao nosso exemplar decorado com círculos impressos (Est. V, 1) é a asa que acompanhava o mascarão de espelho triangular a que já fizemos referência, publicada por Garrido e Elena M. Orta (33).

A sítula do Museu Calvet d'Avignon publicada por Rolland (34) possui uma asa que aproximamos dum exemplar de Conímbriga (Est. V, 2) pelo seu aspecto rígido e presença dum olhai no ponto onde a asa de Conímbriga possui uma protuberância em forma de botão. A asa da sítula do Museu Calvet termina em cabeça de pato e assemelha-se, pelas duas saliências do corpo da asa, a uma outra publicada por Broholm (35).

(26) Gustavo Marques, «O poço da estação romana da Torre dos Namorados (Fundão)», *Conímbriga*, VIII (1969), pp. 65 ss., Est. V; J. Alarcão e A. Alarcão, «O espólio da necrópole luso-romana de Valdoca», *Conímbriga*, V (1966), Sepultura 250.

(27) J. Leite de Vasconcelos, *art. cit.*, p. 31, fig. 2.

(28) Jimenez de Gregorio, *art. cit.*

(29) A. Piganiol, *art. cit.* Fritz Fremersdorf, *Der Römische Gutshof Koln Mungersdorf*, 1933, Est. 36, 3.

(30) G. Fouet, *La villa gallo-romaine de Montmaurin*, 1969, Est. LXIII.

(31) Norbert Walk, *ob. cit.*, Est. 135.

(32) Bernhard Stumpel, «Bericht des Landesdieistes für Vor und Frugeschichte im regbez», *Mainzer Zeitschrift*, 59 (1964), Est. 53.

(33) Juan Pedro Garrido y Elena Maria Orta, *ob. cit.*

(34) H. Rolland, *ob. cit.*

(35) H. C. Broholm, *ob. cit.*, fig. 67.

Tal como acontece com os elementos de situlas de Conímbriga, também para as asas não possuímos dados cronológicos seguros.

Supomos, pelas informações colhidas nalguns dos autores citados, que estes tipos de asas tiveram uma larga difusão no tempo e no espaço.

A situla publicada por Molière que referimos a propósito da armela n.º 1 da Est. II, datada por Radnoti como dos meados do século ni possui uma asa de um destes tipos e é decorada por punção, segundo nos parece.

Piganiol sugere, como já vimos, os fins do século neo inicio do século ni, para data dos achados de Les Mureaux, cuja situla tem uma forma corrente entre a 2.^a metade do século n e os meados do século m.

A asa dobrada em espiral publicada por Stumpel pertence a urna situla do tipo Vestland que Bóesterd considera, sob reserva, do inicio do século iv. Esta autora publicou uma asa proveniente de Nijmegen com terminal em cabeça de pato que pertence, provàvelmente, a uma situla do tipo Hemmor cuja cronologia se estende, segundo vários autores, dos meados do século n a meados do século iv. E a autora acrescenta que asas com idênticas terminais, mas de factura mais cuidada, foram usadas em tempos pré-romanos (36).

A, Tipo I — Est. IV

- 1 — Cabeça de pato de bico alongado, estilizada. A parte central do corpo da asa é ornamentada por depressões rectangulares obtidas por martelagem.
Medidas: abertura da asa: 220 mm.
Material: Bronze.
Intacta.
- 2 — Semelhante à anterior. As extremidades representam também, muito provàvelmente, cabeças de pato. Vestígios de decoração idêntica à do número anterior no corpo da asa.
Medidas: abertura da asa: 205 mm.
Material: Bronze.
- 3 — Cabeça de pato menos estilizada e bico menos alongado e grosso que no n.º 1. Ambas as faces do corpo da asa são ornamentadas com uma fiada de pequenos quadrados escavados, com as diagonais em relevo. Esta ornamentação, obtida

(36) Boesterd, *ob. cit.*, Est. VI, 151.

por punção, é interrompida na parte recurvada da asa. Um quadrado idêntico foi impresso no lugar dos olhos do pato.

Medidas: abertura aproximada da asa: 220 mm.

Material: Bronze.

Fracturada numa das extremidades. Corroída na outra.

- 13 — Semelhante às anteriores, mas de muito menores dimensões. Não tem decoração. Uma das terminais representa uma cabeça de pato estilizada, a outra tem uma forma menos definida como no caso do exemplar n.º 2.

Medidas: Abertura da asa: 70 mm.

Material: Cobre.

Intacta.

- 4 — Esta asa é muito mais larga e a cabeça de pato, de bico alongado, é muito mais estilizada que as anteriores. Sem decoração.

Medidas: abertura aprox. da asa: 300 mm.

Material: Cobre.

Fracturada.

- 5 — Terminal de asa em forma de cabeça de pato com bico alongado.

Medidas: compr.: 40 mm.

Material: Bronze.

- 6 — Terminal de asa semelhante à anterior.

Medidas: compr.: 40 mm.

Material: Cobre.

- 7 — Terminal de asa semelhante às anteriores.

Medidas: compr.: 35 mm.

Material: Cobre.

- 8 — Terminal de asa semelhante às anteriores.

Medidas: compr.: 40 mm.

Material: Bronze.

- 9 — Terminal de asa em forma de cabeça de pato de bico curto e engrossado.

Medidas: compr.: 40 mm.

Material: Cobre.

Tipo II — Est. IV

- 10 — Uma das faces do corpo da asa é ornamentada por depressões rectangulares obtidas por martelagem.

Medidas: abertura aprox. da asa: 220 mm.

Material: Bronze.

Fracturada.

- 14 — Semelhante à anterior embora mais estreita e de menores dimensões.
Não tem decoração.
Medidas: abertura aprox.: 100 mm.
Material: Cobre.
Fracturada.
- 11 — As extremidades são muito estreitas, relativamente à largura da asa, e muito aguçadas. O corpo da asa é decorado por uma fiada de pequenos orifícios circulares.
Medidas: abertura aprox.: 120 mm.
Material: Bronze.
Fracturada.
- 12 — Asa torcida em espiral com as extremidades encurvadas terminando em ponta simples.
Medidas: abertura aprox.: 140 mm.
Material: Bronze.
Fracturada.

B, Tipo I — Est. V

- 1 — Asa de secção quadrada com os três lados externos decorados por estampagem com pequenos círculos cujo centro é marcado por uma funda depressão circular. Círculos idênticos indicam o lugar dos olhos nas cabeças de pato das terminais. As duas faces da cabeça são decoradas por depressões circulares idênticas às inclusas nos círculos.
A face superior desde o alto da cabeça até ao bico, apresenta uma decoração em espinha cujos traços foram gravados com um cinzel de ponta em V.
Medidas: abertura aprox.: 155 mm.
Material: Cobre?
Fragmentada.
- 2 — Extremidades muito provavelmente em forma de cabeça de pato.
No centro da asa um pequeno botão.
Medidas: abertura aprox.: 220 mm.
Material: Bronze.
Fracturada.
- 3 — Terminal em forma de cabeça de pato lisa, de bico alongado.
Medidas: compr. 60 mm.
Material: Bronze.
- 4 — Terminal em forma de cabeça de pato com bico alongado. Os olhos são indicados por dois pequenos círculos concêntricos.
Medidas: compr. 65 mm.
Material: Bronze?

- 5 — Terminal de asa semelhante à anterior com a extremidade do bico fendida. Os olhos não estão indicados e a cabeça é ornamentada por dois sulcos oblíquos formando ângulo. Numa das faces, além destes dois sulcos, existem dois traços incisos: um presente no molde, e outro aberto após a fundição por meio de um cinzel de ponta romba.
Medidas: compr.: 60 mm.
Material: Bronze.
- 6 — Terminal de asa em forma de cabeça de pato muito estilizada. Semelhante à do n.º 4 da Est. IV.
Medidas: compr. aprox.: 57 mm.
Material: Bronze.

PÉS

Os exemplares de pés de vasos de bronze existentes em Conímbriga pertencem, na sua maioria, a tipos conhecidos datáveis do século I d.C..

Com excepção do pé de chumbo, todos os outros conservam vestígios de solda. Não era prática, de facto, a utilização destes pés se não fossem soldados aos vasos que deviam suportar. Apenas o nosso tipo VI (Est. V, 14) tem uma forma que lhe permitiria poder funcionar como suporte isolado.

Não nos parece, por isso, aceitável a explicação dada por Hatt para os orifícios existentes em pés provenientes de Gergovie, Mahdia e da colecção Chopard idênticos, na forma, ao nosso tipo II (Est. V, 9 e 10):

«Les deux trous servaient vraisemblablement à loger les doigts pour pouvoir donner aux supports les positions appropriées». Partindo desta hipótese Hatt interpreta as marcas encontradas sobre os pés de Gergovie e da colecção de Chopard como destinando-se a «éviter les tâtonnements en permettant de grouper chaque lot de supports avec le vase de diamètre correspondant» (37).

Esta interpretação implica, como se vê, o reconhecimento da dificuldade na utilização destes suportes não soldados.

Admitir que tais orifícios permitiam uma economia de metal, sem prejuízo da estabilidade, parece-nos uma explicação mais simples e razoável.

(37) Jean-Jacques Hatt, «Les fouilles de Gergovie (1943-1944)», *Gallia*, V (1947), fig. 4 e 6 e pág. 286.

Em Portugal existem alguns exemplares em forma de peita (o nosso tipo I) e de coroa circular com extremidades chanfradas (nosso tipo II) (38).

Os pés em forma de peita que conhecemos, fora de Portugal, são, por vezes, mais recortados que os de Conímbriga e todos da 1.^a metade do século i d.C..

Ulbert publicou dois exemplares, provenientes de Aislinger com as extremidades bipartidas como o de Conímbriga, datáveis da primeira metade do século I (39).

O pé publicado por Krämer, proveniente de Cambodunum, tem os três traços bipartidos e o autor data-o do primeiro terço do século i d.C. (40).

Hawkes e Hull publicaram dois pés em forma de peita com as extremidades tripartidas, provenientes de Camulodnum, que interpretaram como possíveis «scabbard-fitting ornaments», datáveis de 10 a 60 d.C. (41). Este último e um outro exemplar de Aislinger (42), pela forma em peita muito recortada e braços unidos e ainda pelas dimensões, são idênticos ao exemplar de Conímbriga (Est. V, 13).

Bushe-Fox apresenta um pé idêntico ao nosso exemplar 8, proveniente de Richborough (43).

Além dos exemplares publicados por Hatt, já referidos, conhecemos outros paralelos para o nosso tipo II. (Est. V, 9 e 10).

Assim Ulbert publicou um pé proveniente de Risstissen idêntico ao nosso n.º 9 (44).

Outros pés deste tipo, com orifícios circulares, quadrados ou em forma de peita foram também publicados por Hatt, Fouet e Boesterd. As indicações cronológicas fornecidas por estes autores permitem-nos datá-los do século i: Hatt informa que o exemplar de Gergovie apareceu

(38) Gustavo Marques, *art. cit.*

(39) Gunter Ulbert, *Der Römische Donau-Kastelle Aislinger und Burghof*, Berlin, 1959, Est. 23, 14 e 15.

(40) Werner Kramer, *Cambodunum Forschungen*, 1953, I, Est. 17, 19.

(41) Hawkes, *ob. cit.*, Est. CIII, 31 e 32.

(42) Gunter Ulbert, *ob. cit.*, Est. 23, 13.

(43) J. P. Bushe-Fox, *Third Report on the Excavations of the Roman Fort at Richborough, Kent*, Reports of Research Committee of the Society of Antiquaries of London, 1923, Est. XII, fig. 1, 37.

(44) Gunter Ulbert, *ob. cit.*, Est. 64, 7.

numa camada datável do reinado de Augusto-Tibério. O pé publicado por Fouet provém da vila galo-romana de Montmaurin. Segundo o autor a implantação da I^a vila urbana é dos meados do século i e teria sido praticamente abandonada na 2.^a metade do século iv (45). Boesterd refere também que os pés da Colecção do Rijksmuseum pertencem, segundo Willers, a vasos dos princípios do século i. E acrescenta que pés semelhantes aparecem em vasos dos fins do mesmo século (46).

Dois pés semelhantes ao nosso III tipo (Est. V, 11), provenientes de Cambodunum e Burghofe, também do século i, foram publicados respectivamente por Kramer e Ulbert (47).

Tipo I — Est. V

- 7 — Pé em forma de peita com as extremidades bipartidas.

Medidas: compr. 66 mm; larg. 15 mm; alt.: 8 mm.

Material: Bronze.

Intacto.

- 8 — Pé em forma de peita muito aberta com as extremidades bipartidas.

Medidas: compr. 70 mm; larg. 14 mm; alt. 6 mm.

Material: Bronze.

Intacto.

Tipo II — Est. V

- 9 — Pé em forma de coroa circular com as extremidades chanfradas.

Medidas: compr.: 53 mm; larg.: 17 mm; alt.: 10 mm.

Material: Bronze.

Intacto.

- 10 — Pé idêntico ao anterior decorado com um feixe de 3 traços incisivos oblíquos nas extremidades e um vertical a meio.

Medidas: compr.: 50 mm.; larg. 18 mm.; alt.: 9 mm.

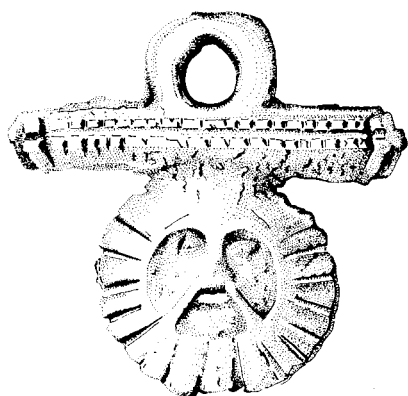
Material: Bronze.

Intacto.

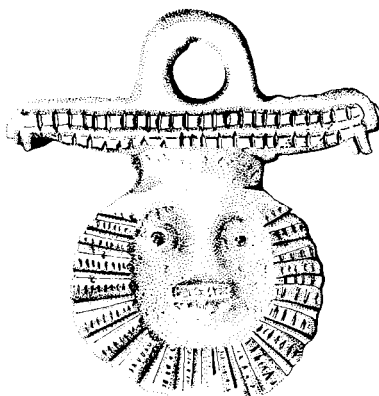
(45) G. Fouet, *ob. cit.*

(46) Boesterd, *ob. cit.*, Est. V, 113 e 114 e Gustavo Marques, *art. cit.*

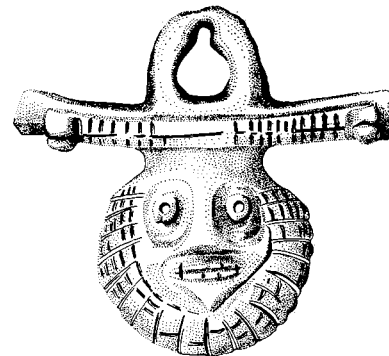
(47) Kramer, *ob. cit.*, Est. 17, 20 e 21; Gunter Ulbert, *ob. cit.*, Est. 52, 10 e 11.



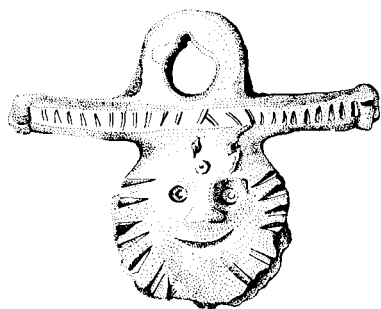
1



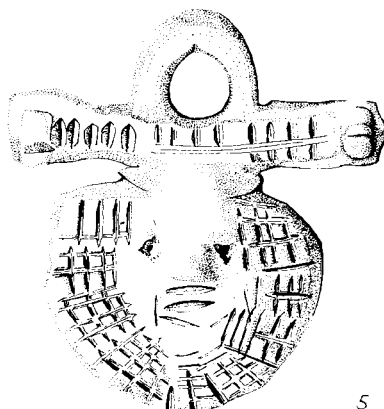
2



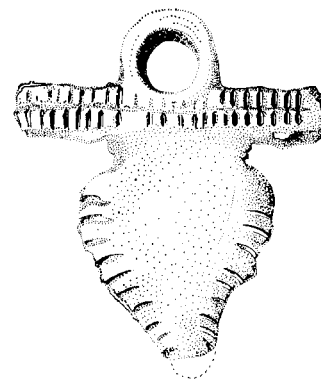
3



4



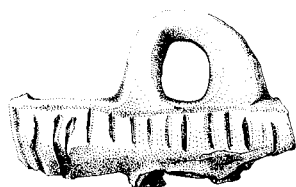
5



6



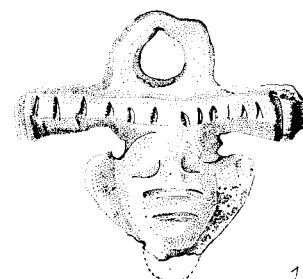
7



8

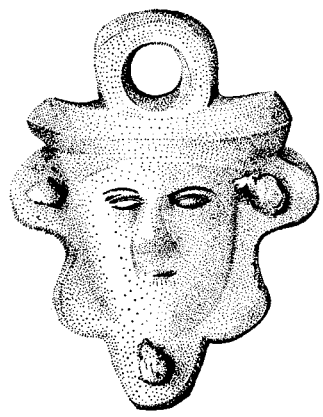


9



10

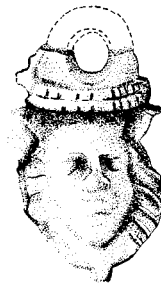
(Página deixada propositadamente em branco)



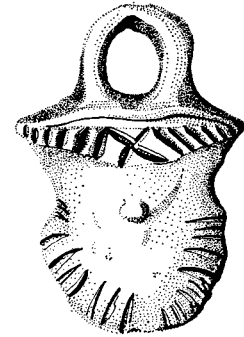
1



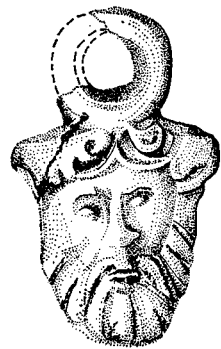
2



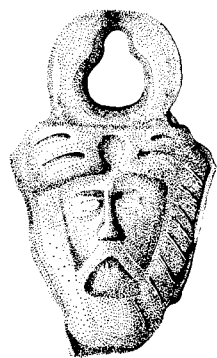
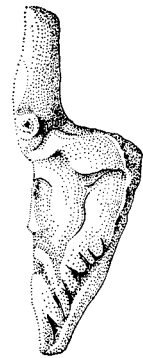
3



4



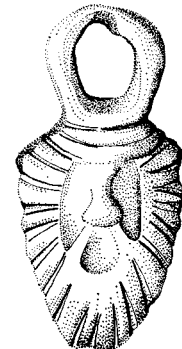
5



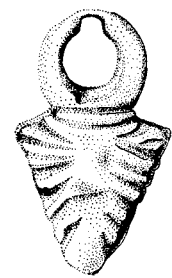
6



7



8



9



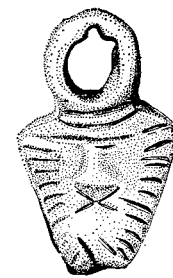
10



11



12

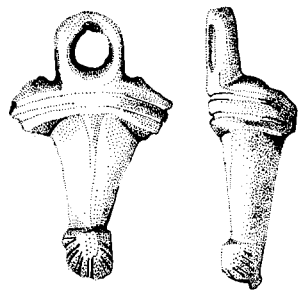


13

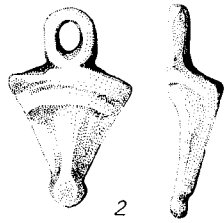


Escala 2 : 3 (com excepção do 11, a 2 : 1 e 12, a 1 : 1)

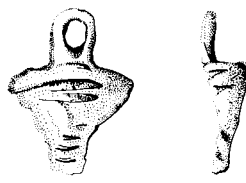
(Página deixada propositadamente em branco)



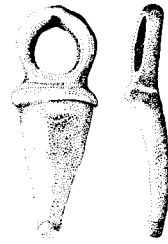
1



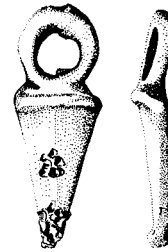
2



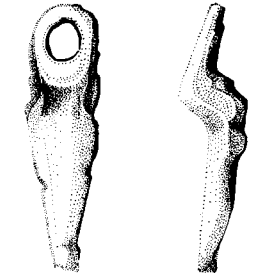
3



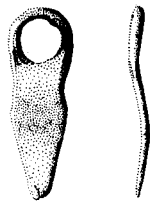
4



5



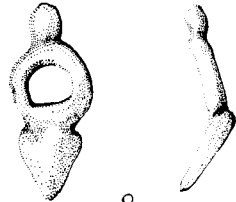
6



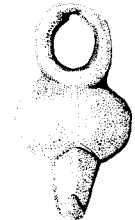
7



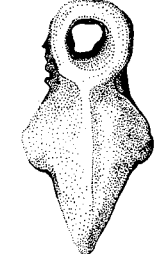
8



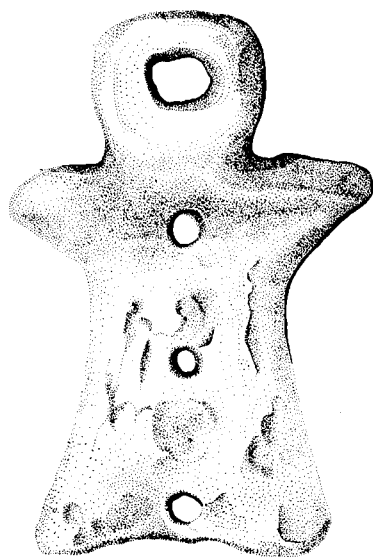
9



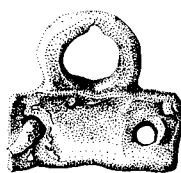
10



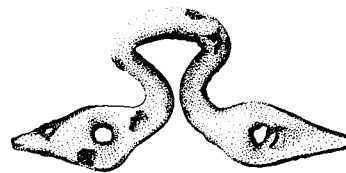
11



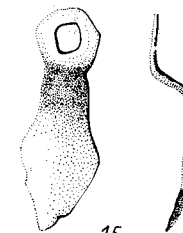
12



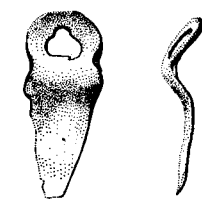
13



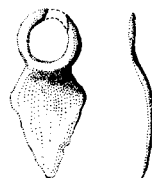
14



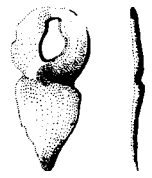
15



16



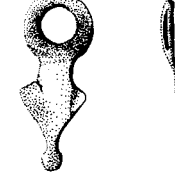
17



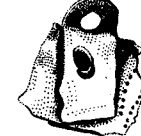
18



19

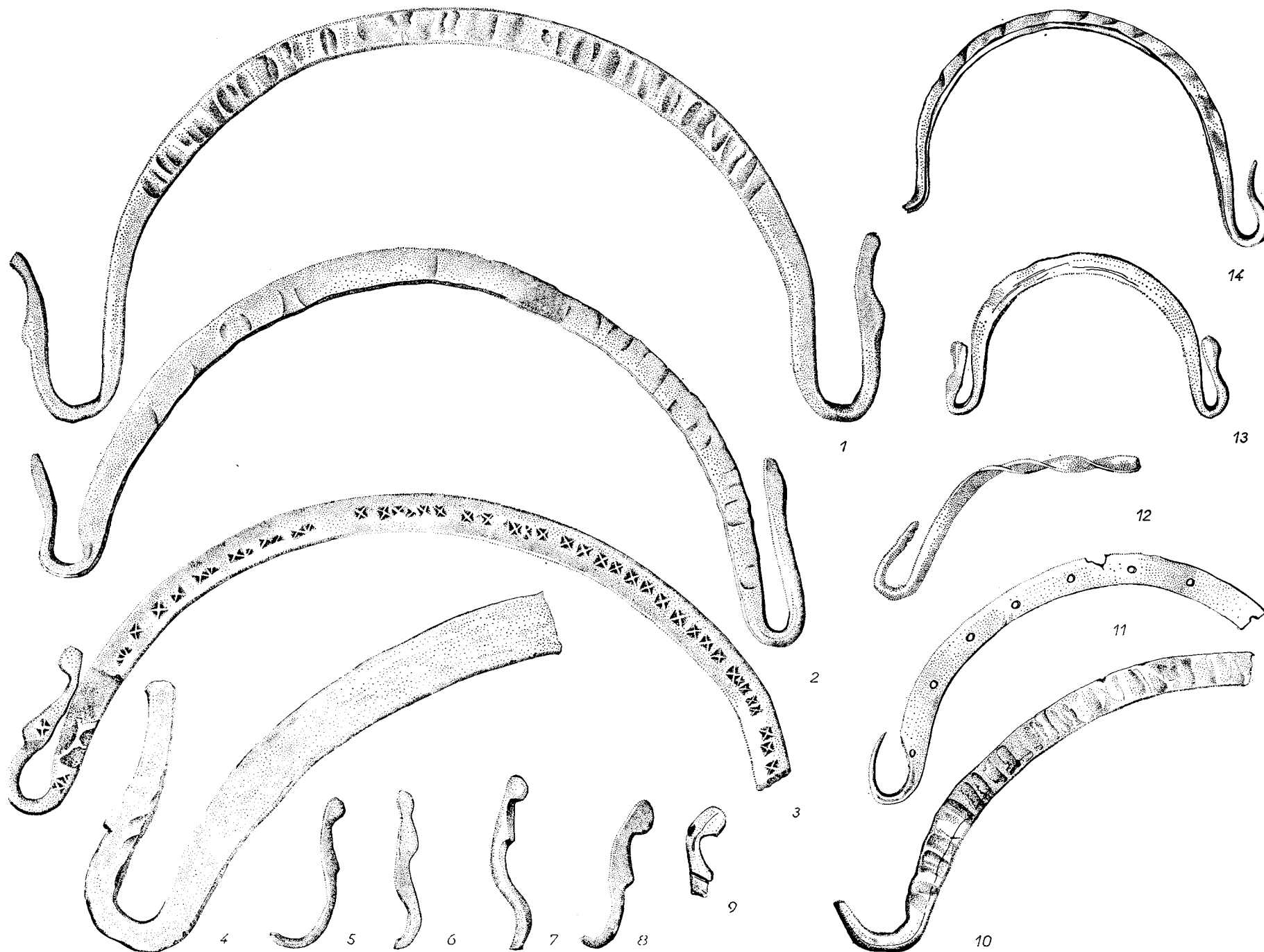


20

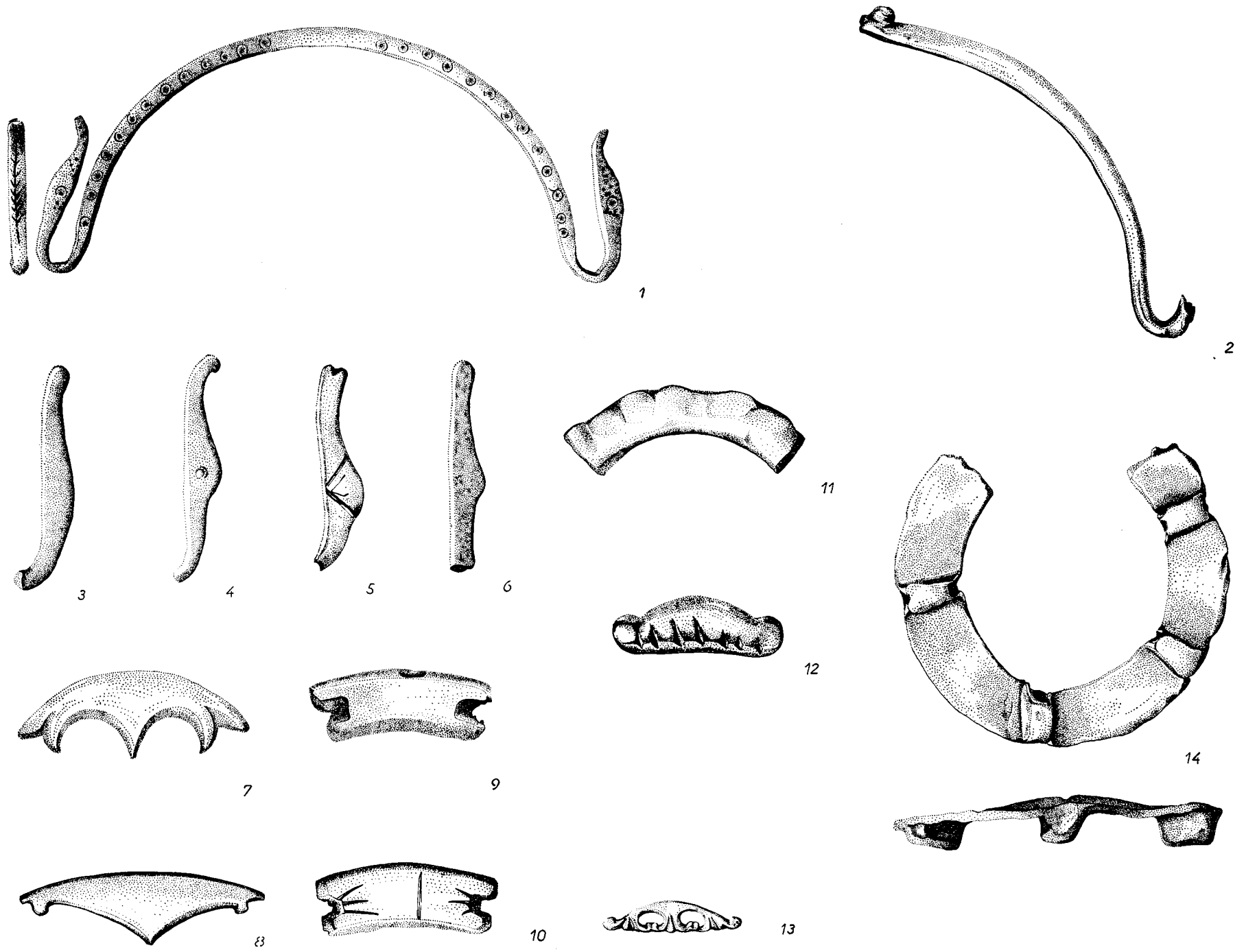


21

(Página deixada propositadamente em branco)



(Página deixada propositadamente em branco)

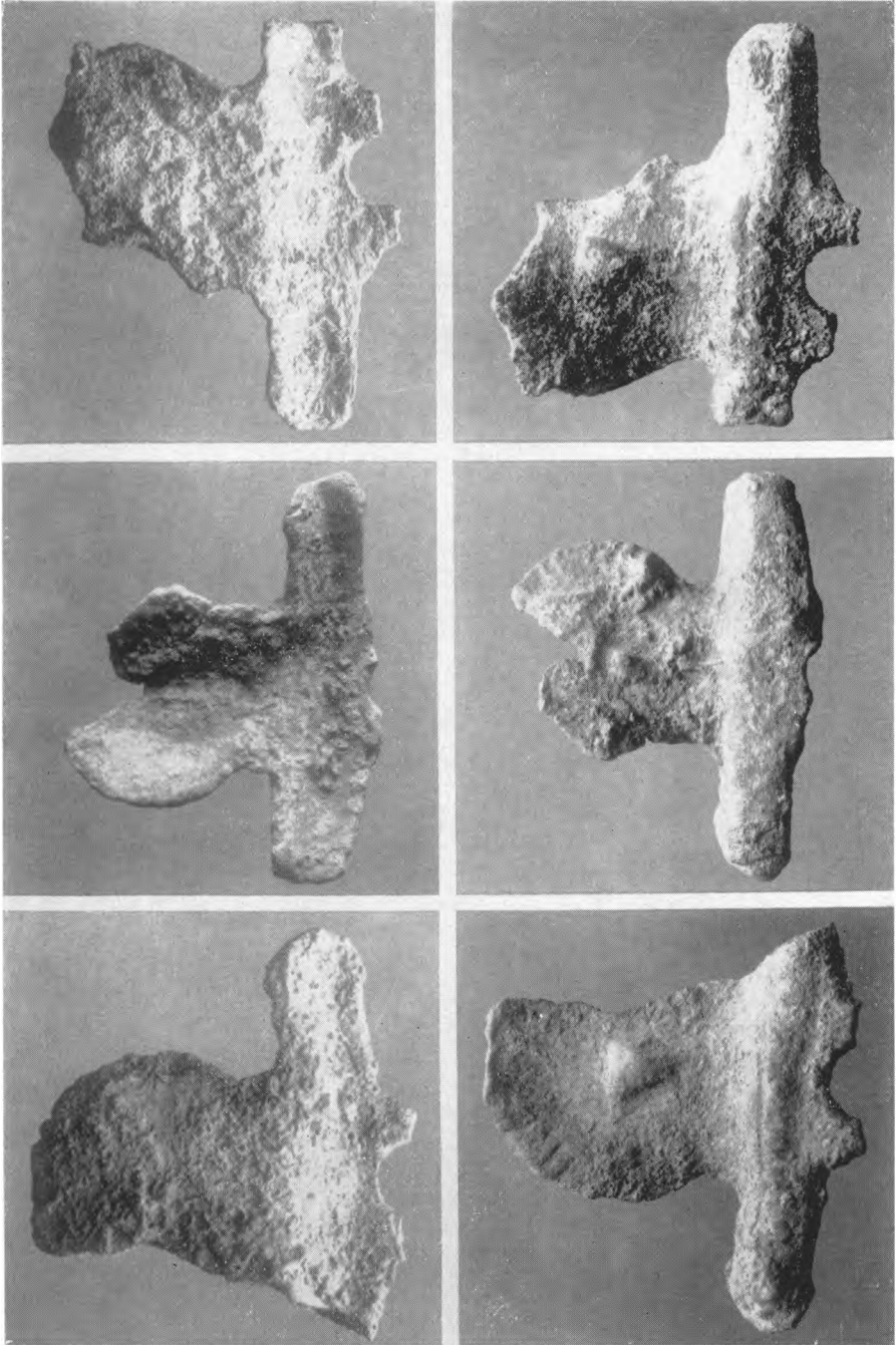


Escala 2 : 3 (com exceção do 13, a 1 : 1)

(Página deixada propositadamente em branco)



Est. VII



Tipo III — Est. V.

11 — Pé em forma de coroa circular com as extremidades lisas.

Um dos arcos é crenado.

Medidas: compr.: 65 mm; larg.: 16 mm; alt.: 17 mm.

Material: Bronze.

Intacto.

Tipo IV — Est. V

12 — Pé em forma de segmento circular com as extremidades estranguladas.

Ornamentada por sulcos numa das faces.

Medidas: compr.: 50 mm; larg.: 15 mm; alt.: 8 mm.

Material: Bronze.

Intacto.

Tipo V — Est. V

13 — Pé em forma de segmento circular com as extremidades estreitas e estranguladas.

A base do segmento é recortada. Tem 2 orifícios na superfície de soldagem ao vaso.

Medidas: compr.: 52 mm; larg.: 12 mm; alt.: 3 mm.

Material: Bronze.

Intacto.

Tipo VI — Est. V

14 — Pé constituído por um placa circular assente sobre 6 suportes rectangulares dispostos a intervalos regulares de 35 mm.

Medidas: diâmetro externo, 93 mm; diâm. interno: 55 mm; alt. 10 mm.

Material: Chumbo.

Fracturado.

MANUELA DELGADO

PROVENIÊNCIA (1)	ARMELAS FIGURATIVAS				NÃO-FI- GURA- TIVAS
	Tipo I	Tipo II	Tipo III	Tipo IV	Tipo I
CONÍMBRIGA (2) Museu Monográfico de Conímbriga	22	6	1	10	10
Santos Rocha, «Alguns objectos luso-romanos das ruínas de Conímbriga», <i>Boletim da Sociedade Archeológica Santos Rocha</i> , I (1908), pp. 202-203	1			1	
HERDADE DO CARRÃO (freg. de Vila Fernando, conc. de Elvas) A. Dias de Deus e A. Viana, «Apontamentos de estações romanas e visigóticas da região de Elvas», <i>Crónica del III Congresso Arqueológico Nacional (Galicia 1953)</i> , Saragoça, 1955, p. 569 ss., fig. III	2				
TERRUGEM (conc. de Elvas) A. Dias de Deus e A. Viana, art. cit. p. 572.	3				1
CEMITÉRIO DE S. JOÃO (TORRES VEDRAS) A. Trindade e O. Veiga Ferreira, «Objectos inéditos lusitano-romanos do Museu de Torres Vedras», p. 269.	1				
ROLIÇA (conc. Óbidos) J. Leite de Vasconcelos, «Analecta archeologica», <i>O Archeólogo Português</i> , XIX (1914), p. 88.				1	
SANTA VITÓRIA DO AMEIXIAL (conc. Estremoz) Museu Nacional de Arqueologia, n.ºs 18594 e 18596	2				
SANTA MENINA-DONAS (conc. Fundão) J. Leite de Vasconcelos, «Figuras de bronze antigas do Museu Etnológico Português», <i>O Archeólogo Português</i> , XXVI (1924), p. 31.			2		
ESCARIGO (conc. Fundão) J. Leite de Vasconcelos, art. cit. de <i>O Archeólogo Português</i> , XXVI (1924), p. 32.				1	
CÁRQUERE (conc. Resende) J. Leite de Vasconcelos, «Analecta archeologica», <i>O Archeólogo Português</i> , XV (1910), p. 326			1		
TAVIRA Museu Nacional de Arqueologia, n.ºs 14752 e 14989	1		1	1	
AMENDOA (conc. de Faro) Museu Nacional de Arqueologia	1				
VIANA DO CASTELO Museu Nacional de Arqueologia, n.ºs 15994 A e B	2				
ÉVORA Museu Nacional de Arqueologia	1				
TORRE DE PALMA Museu Nacional de Arqueologia	1	1		2	

0) Tratando-se de ármelas já publicadas, indicaremos a respectiva bibliografia. Das peças inéditas, referiremos os museus em que se encontram e, quando possível, os respectivo números de inventário.

(2) Em Conímbriga há ainda seis travessões de ármelas do tipo I

PROVENIÊNCIA	ARMELAS FIGURATIVAS				NÃO-FIGURATIVAS
	Tipo I	Tipo II	Tipo III	Tipo IV	Tipo I
TRÓIA Museu Nacional de Arqueologia	2			1	
LAMEIRANCHE (conc. de Torres Novas) Museu Nacional de Arqueologia, n.ºs 17930-33	4				
MEIMÃO (conc. de Penamacor) A. Vasco Rodrigues, <i>Arqueologia da Península Hispânica</i> , Porto, s.d., p. 339			1		
TOMAR J. Leite de Vasconcelos, «Antiguidades de Tomar», <i>O Archeólogo Português</i> , XXI (1916), p. 231					1
ALJUSTREL A. Viana, R. Freire Andrade e O. Veiga Ferreira, «A exploração das minas de Aljustrel pelos Romanos», <i>Arquivo de Beja</i> , XIII (1957), p. 14	3				
VALONGO L. Albuquerque e Castro, «Achados romanos na mina do Fojo das Pombas», <i>Estudos, Notas e Trabalhos do Serviço de de Fomento Mineiro</i> , XV, fasc. 3-4 (1961)	1				
TORRE DOS NAMORADOS (conc. Fundão) Gustavo Marques, «O poço da estação romana da Torre dos Namorados (Fundão)», <i>Conimbriga</i> VIII (1969), pp. 65 ss.	2				
MONSANTO Museu Nacional de Arqueologia				1	
S. SEBASTIÃO DO FREIXO (conc. da Batalha) J. M. Bairrão Oleiro e J. Alarcão, «Escavações em S. Sebastião do Freixo (concelho da Batalha)», <i>Conimbriga</i> , VIII (1969), p. 1 ss.			1		
SANTARÉM Museu Nacional de Arqueologia, n.º 16174					1
INDETERMINADA A. Viana, «Museu de Beja. Ferragens artísticas...», <i>Arquivo de Beja</i> , I (1944), p. 9 da separata				1	
Jorge Alarcão e Manuela Delgado, <i>Biblioteca Nacional de Lisboa. Catálogo do Gabinete de Numismática e Antiguidades. 1.ª Parte. Antiguidades ibéricas e romanas</i> , Lisboa, 1969, p. 36	1				
M. Lyster Franco e A. Viana, «O espólio arqueológico de José Rosa Madeira», <i>Brotéria</i> , XLI (1945), p. 405	1				
Museu Machado de Castro Museu Nacional de Arqueologia, n.ºs 13985, 13987, 13934, 17935 e 17936.	4	1		1	